

Revista do Arquivo Público Mineiro

Ensaio

Iraci Del Nero da Costa
Francisco Vidal Luna

De escravo a senhor *



A estrutura de apropriação da mão-de-obra cativa em Minas Gerais no século XVIII propiciou a ascensão de forros à condição de proprietários, caracterizando fenômeno só estudado pormenorizadamente a contar dos anos 70 do século XX.

> O processo de ocupação e povoamento verificado em Minas Gerais apresentou características próprias. A sociedade mineira distinguiu-se daquelas que se estabeleceram com base na faina agrícola ou na atividade criatória. Defrontamo-nos, em Minas, com um processo de urbanização mais intenso do que no resto da Colônia, com maior diversificação de atividades, maior flexibilidade social, economia fortemente integrada, estabelecimento de interdependência regional e conseqüente estruturação de significativo mercado interno. Esses elementos articularam-se peculiarmente, dando origem a um sistema complexo¹, do qual interessa aqui salientar a estrutura de posse de escravos e a composição da massa de senhores, segundo seu enquadramento em dois dos estratos sociais existentes no Brasil-colônia: livres e forros.

O conhecimento da estrutura de posse de cativos, além de lançar luz sobre a estratificação social vigente em qualquer sociedade escravista e representar valioso subsídio para o lineamento das atividades produtivas de maior significância em cada momento histórico, apresenta-se como elemento altamente relevante no estabelecimento do nível relativo de riqueza dos segmentos socioeconômicos em que se podem decompor uma dada comunidade. Evidencia-se claramente, nesse caso, a contribuição que trará para o entendimento do tema a identificação da estrutura de apropriação da mão-de-obra escrava.

A estrutura de posse de escravos apresentava em Minas Gerais elevada correlação com a forma de a riqueza distribuir-se entre os mineradores. "A natureza mesma da empresa mineira não permitia uma ligação à terra do tipo da que prevalecia nas regiões açucareiras. O capital fixo era reduzido, a vida de uma lavra era sempre algo incerto. A empresa estava organizada de forma a poder deslocar-se em tempo relativamente curto. Por outro lado, a elevada lucratividade do negócio induzia a concentrar na própria mineração todos os recursos disponíveis" (Furtado, 1968, p. 82). A isso acrescentaríamos que esses recursos, em larga medida, alo-

cavam-se na compra de escravos, principal fator de produção utilizado no trabalho extrativo.

A atividade mineratória possibilitava aos escravos maior mobilidade social *vis-à-vis* às demais economias do Brasil-colônia. A forma como se realizava a exploração do ouro e diamantes facultava maior liberdade e iniciativa aos cativos. Por rigoroso que fosse o controle exercido, em particular na lavagem do cascalho, o escravo detinha elevada parcela de responsabilidade na localização das pedras preciosas e das partículas de ouro. Por essa razão, os mineiros procuravam estimular seus escravos, concedendo-lhes prêmios por produção, disso resultando a grande freqüência de alforrias. Ao cativo, obtida a liberdade, tornava-se fácil dedicar-se à faiscação; os resultados de seu trabalho, caso contasse com sorte, poderiam proporcionar-lhe os meios para fazer-se, ele próprio, um senhor de escravos.

Neste estudo, servimo-nos de duas categorias de fontes primárias: os assentos de óbitos da freguesia de Antônio Dias (pertencente a Vila Rica) e os registros de capitação dos escravos da Comarca do Serro Frio. O espaço temporal analisado abrange o período 1738-1811. Relativamente aos assentos paroquiais, selecionamos os triênios de 1743-1745, 1760-1762, 1799-1801 e 1809-1811². O primeiro corresponde ao momento em que ainda florescia a lide exploratória. No segundo, já se revelava declinante a faina aurífera. O penúltimo coloca-se na quadra de sua franca decadência. Finalmente, no triênio 1809-1811 encontrava-se definitivamente superada a atividade mineratória. Já se definira então o processo de recuperação da economia colonial com base na agricultura, em ressurgimento desde o último quartel do século XVIII.

Ainda que admitindo as limitações do fundamento empírico representado pelos registros paroquiais, confiamos na validade desse empreendimento, tendo em vista a escassez de informações quantitativas concernentes à

escravidão brasileira. É preciso, contudo, esclarecer que não temos a pretensão de estabelecer quantidades, índices ou relações definitivas. Propomos, tão-somente, alguns indicadores, reconhecidamente grosseiros, porém suficientes ao lineamento de tendências mais evidentes e marcantes. Mesmo essas últimas, encaramo-las com reservas, pois mostram-se passíveis de futuras e necessárias qualificações e reparos.

Senhores, cativos e forros

Feitas essas ressalvas, passemos à análise dos elementos quantitativos referentes à freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, uma de duas existentes em Vila Rica no período colonial³. Merece realce, desde logo, a presença altamente significativa dos forros no conjunto dos detentores de escravos. Considerados os períodos selecionados, eles representaram 8,8%, 14,6%, 6,9% e 3% do total de proprietários, respectivamente. Tais cifras evidenciam, ademais, a participação declinante dos alforriados no aludido conjunto. Seu decréscimo relativo foi condicionado, certamente, pela decadência da atividade exploratória em Vila Rica.

Fato igualmente marcante refere-se à distinta composição da massa escrava pertencente a forros daquela possuída por homens livres. Estes últimos, eventuais possuidores de maior riqueza e poder aquisitivo, voltavam-se, ao que parece, a fainas produtivas – seja pela escala, seja pela natureza – mais exigentes de mão-de-obra masculina adulta. Essa inferência deriva do confronto, para os segmentos em foco, da participação dos óbitos de homens adultos no total de falecimentos de cativos (Tabela 1).

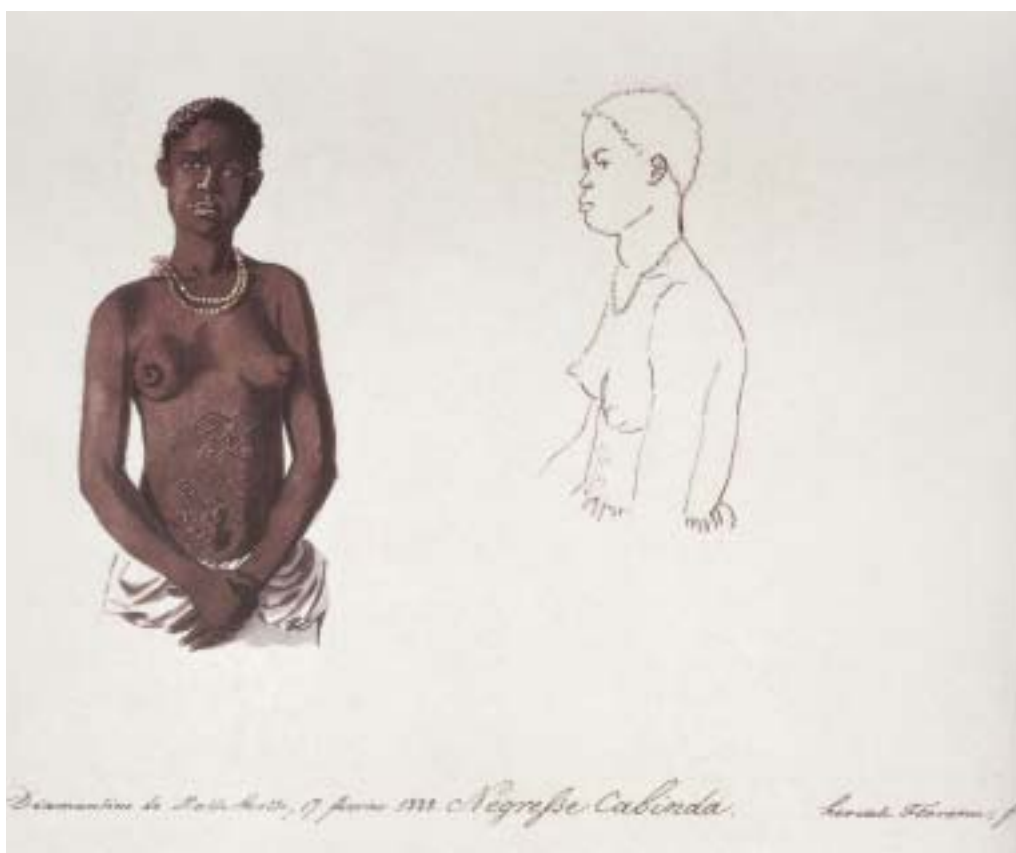
A corroborar a "preferência" dos livres pelo escravo do sexo masculino, encontram-se os percentuais de cativos homens sobre o total de adultos falecidos – fato patenteado na Tabela 2. Esse argumento ver-se-á reforçado, a

seguir, quando distinguirmos os proprietários segundo sexo e estrato social, o que propiciará sugestivas ilações.

Evento dos mais significativos diz respeito à queda, no decurso dos anos, da participação dos proprietários livres do sexo masculino e ao dramático incremento do peso relativo de proprietárias do mesmo estrato social. Considerado o corpo inteiro de senhores, evidencia-se o continuado decréscimo acima aludido: os senhores livres do sexo masculino representaram, nos períodos já assinalados, respectivamente 87,63%, 78,80%, 63,12% e 62%. Tal declínio viu-se mais do que compensado – tomados os triênios extremos aqui contemplados – pelo aumento correspondente à participação das proprietárias livres. Para estas, obedecida a mesma ordem cronológica, observaram-se as seguintes cifras: 3,60%, 6,64%, 30% e 35%.

O elemento livre do sexo masculino resultou, pois, como que "substituído" pelo sexo oposto, fenômeno facilmente observável na Tabela 3. Assim, de uma posição praticamente "monopolizadora", sua participação reduziu-se a menos de dois terços do total de senhores livres. Paralelamente, o peso relativo das mulheres quase decuplicou. Um dos fatores explicativos desse processo repousa no movimento emigratório verificado em Vila Rica a partir, sobretudo, dos anos 60 do século XVIII. Em outro trabalho (COSTA, 1977, p. 169 e seguintes) foi analisado exaustivamente esse deslocamento populacional, no qual predominaram os homens livres. Estes, possivelmente acompanhados de seus escravos, demandavam outras áreas do território colonial.

Por outro lado, deve-se lembrar o elevado número de proprietárias viúvas. Faltam-nos dados conclusivos a respeito, mas, ao que parece, o aumento da quantidade de senhoras livres decorreu, em grande medida, do crescente peso relativo das viúvas no conjunto das donas de cativos⁴. Tal fato decorreria do próprio esmorecimento da atividade econômica da urbe. A conseqüente saída de senhores e o



Negra cabinda. Aquarela e desenho de Hércules Florence, 1828.
Acervo Academia de Ciências da Rússia in MONTEIRO, S., KAZ, L. ed. *Expedição Langsdorff ao Brasil 1821-1829*. Rio de Janeiro: Alumbamento/Livroarte, 1988.

diminuto afluxo de novos indivíduos fez avolumar-se o número de viúvas, herdeiras dos escravos dos maridos.

Senhoras e senhores

Atenhamo-nos, agora, aos proprietários forros. Para estes, diferentemente do observado com referência aos senhores livres, revelou-se majoritário o sexo feminino. De outra parte, com respeito aos alforriados; não se patentearam transformações quantitativas capazes de igualar, pela magnitude, aquelas detectadas entre os senhores livres. Relativamente ao total de proprietários, couberam às for-

ras, obedecidos os períodos selecionados, as seguintes participações: 5,16%, 8,23%, 5,63% e 2%. Aos libertos do sexo masculino, tocaram cifras mais modestas: 3,61%, 6,33%, 1,25% e 1%.

Como assinalamos acima, as mulheres predominavam entre os proprietários forros. A nosso ver, esta característica representa a grande distinção entre livres e libertos. O peso relativo maior do sexo feminino vai ilustrado na Tabela 4, da qual infere-se, concomitantemente, a apoucada mudança na massa de proprietários forros, considerados os sexos, frente às grandes variações ocorridas no conjunto de senhores livres, fenômeno ao qual já nos reportamos.



Negro cabinda. Aquarela e desenho de Hércules Florence, 1828.
Acervo Academia de Ciências da Rússia in MONTEIRO, S., KAZ, L. ed. *Expedição Langsdorff ao Brasil 1821-1829*. Rio de Janeiro: Alumbamento/Livroarte, 1988.

Nossos dados parecem apontar a "preferência" dos livres por escravos do sexo masculino. Tomada a participação por sexos, firma-se mais fortemente esse comportamento dos proprietários, pois figuram para senhores livres do sexo masculino elevados percentuais correspondentes a cativos homens, computada a massa de adultos falecidos. Quanto às proprietárias livres, essa participação revelou-se menor (Tabela 5). Marca-se, portanto, de modo palmar, a "preferência" dos livres, particularmente dos senhores do sexo masculino, por escravos homens.

Sugestivamente, tomados os proprietários forros, verifica-se comportamento similar, vale dizer, os alforriados

homens, aparentemente, também "preferiam" escravos do sexo masculino. Embora os diferenciais não sejam da mesma ordem dos respeitantes aos livres, nota-se claramente a referida "identidade" entre senhores forros e livres (Tabela 6). Acima da barreira representada pelo estrato social, aparece um elemento de semelhança, embora tênue, entre senhores de sexos opostos.

Escravos do Serro Frio

Antes de passarmos ao estudo das evidências empíricas concernentes aos registros fiscais da Comarca do Serro

Frio⁵ cabe lembrar que, embora a área em apreço tenha-se notabilizado pela atividade diamantífera, no momento contemplado neste trabalho (1738), ela estava proibida. Daí poder-se presumir que os proprietários – e respectiva escravaria – arrolados no documento referido, dedicavam-se, predominantemente, à exploração aurífera.

Colocada essa consideração preliminar, atenhamo-nos à análise do Quadro I. Nele aparecem dois *corpus*, um correspondente aos proprietários forros, outro referente aos não-forros (livres). Aos forros correspondia a expressiva parcela de 22,2% dos senhores. Note-se que, enquanto dentre os não-forros os elementos do sexo feminino representavam tão-somente 3,1% dos proprietários anotados, no segmento dos forros esse percentual alcançava a significativa cifra de 63%.

As libertas possuíam, em conjunto, 55,6% dos escravos pertencentes aos forros, e entre os não-forros as mulheres detinham apenas 1,9%. Evidencia-se, ademais, certa correspondência entre o sexo do proprietário e o dos respectivos escravos, tanto no conjunto dos forros como no relativo aos não-forros. Assim, dentre os forros homens, os escravos do mesmo sexo participavam com 71%, ao passo que, na escravaria pertencente aos forros do sexo feminino, o percentual referente aos cativos homens reduzia-se a 42,3%. Fato similar ocorria no grupo dos não-forros: para o estoque de cativos pertencentes aos homens desse segmento, os elementos do sexo masculino representavam a elevada parcela de 87,3% e, na massa escrava de propriedade das mulheres, os indivíduos do sexo masculino participavam com 49,6%.

Quanto à estrutura de posse, os forros detinham 783 cativos – 9,9% da escravaria. Os indivíduos com um cativo perfaziam 60,2% dos forros (contra 31,1% dos não-forros). Os libertos com dois escravos participavam com 17,8% de seu segmento (contra 18,5% dos não-forros). Os forros possuidores de três a seis cativos representavam

18,3% do total, enquanto, para os não-forros, o peso relativo correspondente alcançava 28,1%.

Por fim, apenas 3,7% dos libertos detinham uma escravaria superior a sete cativos. Dentre os não-forros, a cifra respectiva alcançava 22,3%. Do exposto, percebe-se claramente constituírem os forros um grupo relativamente pobre quando comparado ao segmento oposto. Isso se confirma através do confronto da média de cativos por proprietário dos dois grupos: 2,02 para forros e 5,27 relativamente aos não-forros.

Os escravos dos forros revelavam características algo diferentes em face dos pertencentes aos não-forros. Quanto ao sexo, os homens participavam com menor peso relativo na escravaria pertencente aos forros – 55% contra 86,8% concernentes aos não-forros. Com respeito à origem, a massa escrava dos forros denotava participação relativa dos sudaneses (82,9%), maior que a verificada no estoque dos não-forros (73,5%). Considerando que os sudaneses representavam os elementos preferidos como escravos nas Gerais, conclui-se que, sob tal aspecto, a escravaria dos forros apresentava melhor "qualidade" do que a massa de cativos dos não-forros.

Quanto à estrutura etária, os escravos pertencentes aos forros revelavam-se mais jovens. Assim, o estrato dos cativos com idade igual ou superior a quarenta anos representava 10,7% da escravaria dos forros e 14,3% do total de escravos dos não-forros. O inverso ocorria com os cativos de idade inferior a 20 anos: 22,2% no estoque de escravos dos forros e 13,2% no dos não-forros.

Conclusões

A análise das fontes primárias embasadoras deste trabalho – em que pesem tais fontes documentais serem distintas no tempo e no espaço, assim também quanto aos fins a que se destinavam e aos agentes que as elaboraram –

conduziu-nos, essencialmente, às mesmas conclusões. Esse fato *de per se* revela, do ponto de vista metodológico, tamanha significância que se tornam ociosas quaisquer considerações adicionais. Isto posto, enumeremos por menorizadamente os principais resultados propiciados pelo estudo dos elementos empíricos apreciados:

- ❑ marcou-se a presença altamente relevante do elemento forro no conjunto dos proprietários de escravos;
- ❑ confirmou-se a prevalência, na área em apreço, de uma sociedade permeável à ascensão de elementos alforriados, de que decorreu a inexistência de estrita rigidez quanto à estratificação social;
- ❑ quanto ao sexo dos proprietários forros, contrariamente ao verificado com referência aos não-forros (livres), predominou o feminino. Por outro lado, os proprietários não-forros do sexo masculino mostraram-se majoritários no conjunto dos senhores;
- ❑ patenteou-se – tanto para forros como para não-forros – "preferência" por cativos do mesmo sexo do proprietário;
- ❑ para Vila Rica, cujos dados nos permitiram analisar variações no decurso do tempo, evidenciou-se declínio do peso relativo do elemento forro no conjunto de senhores de cativos, fenômeno condicionado, provavelmente, pela decadência da atividade exploratória naquela cidade.

Quanto à Comarca do Serro Frio impõem-se, ademais, três outras conclusões:

- ❑ a estrutura etária dos escravos pertencentes aos forros evidenciou a existência de massa de cativos relativamente jovem em face da possuída pelos não-forros;
- ❑ quanto à origem dos cativos, a escravaria dos forros denotava participação relativa dos sudaneses, maior do que a verificada no estoque dos não-forros;
- ❑ no concernente à estrutura de posse de escravos, os proprietários forros constituíam um grupo relativamente pobre frente ao segmento oposto.

Notas |

1. Sobre o processo de urbanização, atividades produtivas e divisão social do trabalho em Minas Gerais, veja-se LUNA e COSTA, 1978.

2. Servimo-nos dos seguintes códices manuscritos: MSS. - Cod. 2 RO - *Livro de assento dos mortos (livres e escravos) e Testamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição: Livro A (1727-1753); Livro B (1753-1764)*. MSS. - Cod. 3 RO - *Livro de assento de óbitos - 1741/1770*. MSS. - Cod. 5 RO - *Livro de assento de óbitos - 1796-1821*.

3. Os resultados subseqüentes constam de trabalho de mais larga amplitude (COSTA, 1978), no qual são analisadas as mesmas fontes documentais arroladas na nota precedente.

4. Apenas para o triênio 1809-1811 foi-nos possível determinar, aproximadamente, o peso relativo das viúvas sobre o total de proprietárias livres. Representavam as viúvas, pelo menos, 45,7% das senhoras livres e possuíam, ao menos, 47,7% da escravaria pertencente a todas as proprietárias livres.

5. MSS. - *Cód. no. 1068. Serro do Frio: Escravos, livro de matrícula*. Acervo da Casa dos Contos.

Referências bibliográficas

1. COSTA, Iraci del Nero da. *Vila Rica: população (1719-1826)*. São Paulo: FEA-USP, 1977.

2. COSTA, Iraci del Nero da. *Algumas características dos proprietários de escravos de Vila Rica*. São Paulo: FEA-USP/IPE-USP, 1978. (Série História Econômica, nº 1).

3. FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1968.

4. LUNA, Francisco Vidal e COSTA, Iraci del Nero da. *Contribuição ao estudo de um núcleo urbano colonial (Vila Rica: 1804)*. São Paulo: IPE-USP, 1978.

* Este artigo, publicado originalmente sob o título *A presença do elemento forro no conjunto de proprietários de escravos* em *Ciência e Cultura*. São Paulo, SBPC, 32(7):836-841, 1980, é agora republicado com pequenas alterações de forma, sem prejuízo de seu conteúdo.

Iraci del Nero da Costa aposentou-se como professor livre-docente pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP).

Francisco Vidal Luna aposentou-se como professor-doutor pela mesma instituição. Ambos são membros do Núcleo de Estudos em História Demográfica da FEA/USP e autores do livro *Minas colonial: economia e sociedade* (Fipe/ Pioneira), entre outros.

Tabela 1 Percentagens de escravos adultos do sexo masculino no total de óbitos				
Proprietários	1743-45	1760-62	1799-1801	1809-11
Livres	77,78	71,92	63,88	52,27
Forros	31,82	47,92	31,25	33,33

Tabela 2 Percentagens de óbitos de escravos adultos do sexo masculino sobre o total de óbitos de escravos adultos				
Proprietários	1743-45	1760-62	1799-1801	1809-11
Livres	90,52	84,83	76,73	73,40
Forros	66,67	74,19	55,56	33,33

Tabela 3 Percentuais de proprietários, segundo o sexo, considerado o total de senhores livres				
Proprietários	1743-45	1760-62	1799-1801	1809-11
Homens	96,05	92,22	67,79	63,92
Mulheres	3,95	7,78	32,21	36,08

Tabela 4 Percentuais de proprietários, segundo o sexo, considerado o total de senhores forros				
Proprietários	1743-45	1760-62	1799-1801	1809-11
Homens	41,18	43,48	18,18	33,33
Mulheres	58,82	56,52	81,82	66,67

Tabela 5 Percentagens de óbitos de escravos adultos do sexo masculino sobre o total de óbitos de escravos adultos				
Proprietários livres	1743-45	1760-62	1799-1801	1809-11
Homens	91,70	86,36	83,78	75,00
Mulheres	50,00	53,33	60,42	69,23

Tabela 5 Percentagens de óbitos de escravos adultos do sexo masculino sobre o total de óbitos de escravos adultos				
Proprietários forros	1743-45	1760-62	1799-1801	1809-11
Homens	77,78	81,25	50,00	100,00
Mulheres	58,33	66,67	57,14	--

Quadro 1 | Relações concernentes à Comarca do Serro Frio (1738).

